

A legitimidade de uma filosofia cristã

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1. *Da legitimidade de uma filosofia não-cristã*

Diz o Prof. Lauand:

Para o problema da filosofia cristã, reproduzimos a seguir (pp. 43-48) trechos da conferência de Pieper em que se discute (do ponto de vista contemporâneo) não só a legitimidade de uma filosofia cristã, mas – numa inversão que pode parecer surpreendente – também a problematidade de uma filosofia não-cristã. Trata-se de ‘O caráter problemático de uma filosofia não-cristã.’¹

Conforme vimos na passagem acima, Pieper, na apresentação de Lauand, faz uma reviravolta inesperada. De fato, enquanto a grande maioria dos filósofos coloca a questão em torno da *problematidade de uma filosofia cristã*, Pieper, ao contrário, depois de analisar e concluir que uma *filosofia cristã* é evidentemente legítima, coloca *sub judice* a legitimidade de uma *filosofia não-cristã*.

2. *A filosofia também é uma teologia*

Segundo o insuspeito filósofo Bertrand Russell, dois *fatores* são *indispensáveis* para *comprendermos a origem* constitutiva daquele tipo de *reflexão* que, desde Tales,

¹ LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento-Estudo Introdutório Geral**. In: **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 42 e 43. O excelente texto de Pieper, que inspirou todo este artigo, pode ser encontrado: PIEPPER, Josef. **O caráter problemático de uma Filosofia "não-cristã"**. Trad: Gabriele Greggersen e Jean Lauand. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#2>>. Acesso em: 5/8/2006.

chamamos *filosofia*. Um deles é nomeadamente, segundo o próprio Russell, o fator “ético-religioso”. O outro é o fator científico.² Ora, os filósofos se diferenciam precisamente segundo a preponderância de um destes fatores em seu sistema, mas a presença de ambos é o que caracteriza toda filosofia. A filosofia se torna assim, ainda segundo Russell, um ponto de intersecção entre a teologia e a ciência, sendo que, alternadamente, a história conheceu sistemas onde um destes aspectos prevalece sobre o outro.³

Agora bem, este pensamento é retomado, de certa forma, por importantes estudiosos hodiernos. Com efeito, em *Problemas de Fronteira*, Lima Vaz destaca que a prevalência do elemento religioso nos primórdios da filosofia na Grécia é patente. Sem embargo, defende que a obra de alento dos primeiros filósofos gregos não foi senão trazer para uma linha conceptual racional, os elementos herdados das mais vetustas e variadas tradições religiosas do seu mundo. De modo que a obra de fôlego que empreenderam e que chamamos *filosofia* é, em sua própria essência, uma teologia.⁴

Também de acordo com Pe. Vaz, o homem antigo era essencialmente religioso; sua visão de mundo comportava, necessariamente, o elemento religioso. O próprio mundo enquanto tal se lhes apresentava como uma epifania do sagrado.⁵ Uma atitude cética em matéria religiosa é algo impensável aos homens da antiguidade.⁶ Ora bem, a filosofia nasce neste terreno. Donde ser ela, desde o seu princípio, uma teologia. Uma teologia no sentido de ser uma tentativa de expressão racional do *theion*.⁷ Por conseguinte, na linha de outro grande estudioso da filosofia, Werner Jaeger, em sua obra clássica, *The Theology of the early greek philosophers*, Lima Vaz data dos “pré-socráticos” o nascimento da própria teologia.⁸

² ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. p. 22: “Bertrand Russell (1872-1970), que não se professava cristão, inicia sua *História da filosofia ocidental* afirmando que os conceitos da vida e do mundo que chamamos ‘filosofia’ são produto de dois fatores: ‘um constituído de fatores religiosos e éticos herdados; o outro, pela espécie de investigação que podemos denominar científica, empregando a palavra em seu sentido mais amplo.’”

³ *Idem. Op. Cit.*: “Segundo Russell, os filósofos se diferenciam quanto às proporções em que esses dois fatores entram em seu sistema, mas a presença de ambos, em certo grau, caracteriza a filosofia. Por isso ela é algo intermediário entre a teologia e a ciência, sendo mais determinada por uma ou por outra.”

⁴ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Problemas de Fronteira**. 3º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 74: “De fato a filosofia é, fundamentalmente, uma teologia. Ela traduz a tentativa audaz de transpor, para o registro conceptual da razão, (...), os elementos herdados das religiões dos povos que vieram a se encontrar no espaço histórico-geográfico que chamamos mundo grego.”

⁵ *Idem. Op. Cit.*: “O homem antigo era essencialmente religioso. (...) Para o homem antigo, o mundo era epifania do sagrado. Diante do mundo estava sempre em atitude religiosa de reverência.”

⁶ *Idem. Op. Cit.*: “Seu mundo cultural não podia abrigar uma atitude cética ou indiferente em matéria religiosa.”

⁷ *Idem. Op. Cit.*: “Neste sentido, a filosofia é, desde o princípio, *teologia*, expressão racional do *theion*, do divino.”

⁸ *Idem. Op. Cit.*: “Podemos, pois, datar dos filósofos pré-socráticos o nascimento da teologia. Seus problemas fundamentais são por eles formulados pela primeira vez. Essa a demonstração convincente que o grande

De maneira que a filosofia não seria, como muitos pensam, a destruição da religiosidade; antes, ela seria a tentativa – nem sempre fecunda, é verdade – de sua racionalização. Assim sendo, o repúdio ao politeísmo, ao antropomorfismo não significa, da parte da filosofia, um repúdio à religião enquanto tal. Ao contrário, o filósofo, como destaca Felippo Selvaggi em sua *Filosofia do Mundo*, quer tornar a religião mais pura e mais elevada:

O repúdio à visão mítica e mágica e à representação politeística e antropomórfica da divindade não significa a rejeição da religião, mas, pelo contrário, a sua purificação e elevação (...).⁹

3. A Idade Média: civilização da fé inquieta

Neste sentido, continua Lima Vaz, a Idade Média é, surpreendentemente, mais “laica” que a própria antiguidade. Ora, se a dimensão religiosa era aceita sem resistência na civilização antiga, na medieval, conquanto o sagrado ainda mantivesse a sua primazia, “(...) a fé cristã não é, aqui, uma aceitação tranqüila e repousante”¹⁰. Desta feita, se, por um lado, o mundo medieval é uma civilização eminentemente teológica, por outro, a sua fé era uma fé inquieta, interrogante.¹¹ Desta sorte, se existe um nascimento, dentro da história da filosofia, para um chamado “espírito leigo”, este está na Idade Média. É nela que se começa a questionar, por exemplo, o conceito de autoridade sacral.¹²

No fundo, o que Pe. Vaz parece dizer é que, sendo a Idade Média uma civilização teológica, foi precisamente a teologia medieval, enquanto buscou articular racionalmente as verdades de fé, quem deu, paradoxalmente, o primeiro passo para a consciência crítica da modernidade. Portanto, o fundamento e a raiz da modernidade (nome inclusive de outra obra clássica do Jesuíta mineiro) encontram-se no subsolo doutrinal do século XIII.¹³

historiador do pensamento antigo, W. Jaeger, levou a cabo no seu livro clássico a teologia dos primeiros filósofos gregos.”

⁹ SELVAGGI, Felippo. **Filosofia do Mundo**. Trad. Alexander A. Macintyre. Rev. Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1988. p. 43.

¹⁰ Lima Vaz. *Op. Cit.* p. 82.

¹¹ *Idem. Op. Cit.* p. 83: “Podemos defini-la como uma civilização da fé inquieta.”

¹² *Idem. Op. Cit.* p. 84: “A Idade Média introduziu nessa esfera entre todas sagrada a ponta do questionamento teológico, inaugurando o que o seu historiador Georges de Lagarde denominou o ‘espírito leigo’ e que punha em questão o caráter sacral da autoridade.”

¹³ *Idem. Op. Cit.* “Desta sorte, a Idade Média transmite à Idade Moderna a mais difícil e profunda inquietação que o homem pode carregar: a inquietação teológica. Ela radicaliza as perguntas até um plano em que as

4. A razão ocidental

Portanto, a própria *filosofia moderna*, na sua pretensão *racionalista*, encontra as suas raízes na *civilização medieval*, *civilização da fé inquieta*. Destarte, somente quando a razão for reduzida a um uso puramente *experimental* e o *saber técnico* tome todo o espaço, o homem conseguirá abolir a *inquietação teológica*, que ainda prevalece a despeito de tudo uma *inquietação basilar* de toda a nossa civilização. Contudo, quando este dia chegar, também a nossa história terá encontrado o seu fim. Com efeito, como diz Pe. Vaz, uma nova história começará e os homens que a viverão decerto não serão iguais a nós.¹⁴

Este fim da *racionalidade ocidental*, enquanto sujeita a problemas *metafísico-teológicos*, é colocado também por Heidegger no título de uma de suas conferências, *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. De fato, para Heidegger, “Filosofia é Metafísica”¹⁵. Ora, a metafísica tem por objeto o ente enquanto *é*, isto é, o ente em sua totalidade: o mundo, o homem e Deus.¹⁶ Agora bem, a metafísica – que é a filosofia – tanto para Nietzsche, como também para Heidegger, é o *platonismo*: “A metafísica é platonismo.”¹⁷ Portanto, O fim da metafísica, coincidirá, então, com o fim ao menos de duas outras coisas: o fim da própria *filosofia*, que é *metafísica*, e o fim do *platonismo*, que é onde se encontra fundamento da *metafísica*.

Ora bem, embora o *fim da filosofia* comece com a *inversão da metafísica* empreendida por Marx¹⁸, ele só se concretizará quando a filosofia for totalmente *dissolvida* nas *ciências autônomas*.¹⁹ O fim da filosofia, e, portanto, da metafísica, e, por conseguinte, da própria

respostas só podem ser absolutas. Paradoxalmente, essa busca do absoluto no domínio da razão interrogante mostrou-se, historicamente como a geradora mais eficaz dessa consciência crítica que acompanha a civilização do Ocidente como civilização teológica.”

¹⁴ *Idem. Op. Cit.*: p. 85 e 86: “Talvez dando primazia a uma razão puramente experimental, razão do fazer técnico onde não importem sujeitos e predicados, mas apenas relações variáveis e manipuláveis entre termos que nelas esgotam o seu conteúdo então, quem sabe, a cultura ocidental terá eliminado o problema teológico. Neste dia, porém, a história do Ocidente terá tocado o seu fim. Uma nova história começará. Mas, os homens que a viverão não serão semelhantes a nós. (...)”.

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento*. I. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

¹⁶ *Idem. Op. Cit.*: “Esta pensa o ente em sua totalidade – o mundo, o homem, Deus – sob o ponto de vista do ser (...)”.

¹⁷ *Idem. Op. Cit.* E ainda: *Idem. Op. Cit.*: “Nietzsche caracterizou sua filosofia como platonismo invertido.”

¹⁸ *Idem. Op. Cit.*: “Com a inversão da metafísica, que já é realizada por Karl Marx, foi atingida a suprema possibilidade da Filosofia. A Filosofia entrou em seu estágio terminal.”

¹⁹ *Idem. Op. Cit.*: “O desenvolvimento das ciências é, ao mesmo tempo, sua independência da Filosofia e a inauguração de sua autonomia. Este fenômeno faz parte do acabamento da Filosofia.” A associação entre

teologia – lembremos que Aristóteles chamava o tratado, que somente posteriormente será denominado de *metafísica*, de *filosofia primeira* ou *teologia* – proceder-se-á, justamente, na medida em que as ciências forem tornando-se autônomas.²⁰ Numa coisa pelo menos Heidegger e Lima Vaz concordam: o fim da filosofia coincide com o progresso da *ciência experimental*.

Ora, mas o progresso da ciência experimental, num ramo em desenvolvimento como o da *cibernética*²¹, formará ainda um novo tipo de homem, dando também ao Ocidente uma outra espécie de racionalidade. Por conseguinte, o fim da filosofia será o fim da razão e da cultura ocidentais. E o fim da *razão ocidental*, será o fim do *homem ocidental*, já que a razão é essencial ao homem, *animal racional*.

E o fim do homem ocidental, será o fim da *cultura do ocidente*, enquanto por cultura se entende o cultivo de uma *espécie de racionalidade*, que se extinguirá para dar lugar a outra. Este novo homem, sem as angústias teológicas e sem a filosofia enquanto metafísica, pagará como preço de se tornar talvez um *super-homem* ou um homem *para além bem e mal*, como queria Nietzsche, a desdita de ver-se reduzido a um mero *robô* a obedecer cegamente às *inteligências artificiais*, que ele próprio criou.²²

Ambos os autores concordam, enfim, que a única maneira de laicizar a filosofia é pondo nela um fim. E este fim consiste em dissolvê-la nas ciências de caráter experimental. Contudo, o fim da filosofia e o da própria metafísica resultam no fim da razão ocidental e da própria civilização do Ocidente.

platonismo e teologia, não é, pois, uma inferência arbitrária. Neste sentido, Lima Vaz já fazia a seguinte afirmação. VAZ. *Op. Cit.* p. 74: “O pensamento de Platão é, fundamentalmente, uma visão teológica do mundo.”

²⁰ HEIDEGGER. *Op. Cit.* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000: “O desdobramento da Filosofia cada vez mais decisivamente nas ciências autônomas e, no entanto, interligadas, é o acabamento legítimo da Filosofia.”

²¹ *Idem. Op. Cit.*: “Não é necessário ser profeta para reconhecer que as modernas ciências que estão se instalando serão, em breve, determinadas e dirigidas pela nova ciência básica que se chama cibernética.”

²² VAZ. *Op. Cit.* p. 86: “Sem inquietação e sem Deus, caminharão provavelmente para transformar em realidade a ficção científica que R. Mac Gowan e F. I. Ordway III propõem no seu livro *A Inteligência no Universo*, quando os frágeis e pequeninos robôs humanos estarão inteiramente submetidos às leis ditadas pelas poderosas inteligências artificiais que eles mesmos um dia – nos tempos então remotos da humanidade - haviam começado a criar.”

5. *Metafísica e teologia*

Resta ainda por justificar, como acontece, na cultura do Ocidente, a fusão entre metafísica e cristianismo ou entre metafísica e teologia, a ponto de Heidegger identificar o fim da metafísica e da filosofia com o fim da própria teologia. Ora, na concepção de Heidegger, a filosofia é metafísica e a metafísica é platonismo. A filosofia de Platão, diz Heidegger, perpassa sem nenhum hiato toda a história da filosofia.²³ Daí que, assim como a “Filosofia é Metafísica”²⁴, a “(...) metafísica é platonismo”²⁵.

Agora bem, para Nietzsche, Platão é cristão antes de Cristo.²⁶ Aliás, na abordagem nietzschiniana, toda a história da filosofia é a história do platonismo em suas diversas nuances. De sorte que o próprio cristianismo, para Nietzsche, apresenta-se como uma espécie de platonismo adaptado ao vulgo.²⁷ Ora, para se livrar de Platão e da tradição platônica, que lhe pareciam enfadonhas, Nietzsche, como bem observa Heidegger, propõe a sua doutrina como sendo um platonismo invertido.²⁸ Entretanto, Nietzsche bem sabe que, para conseguir libertar-se completamente do platonismo, precisará livrar-se também do cristianismo, porquanto o cristianismo não é senão um platonismo para o povo. Daí nasce um dos seus mais instigantes ensaios: *Der Antichrist*.

²³ HEIDEGGER. *Op. Cit.* In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000. “Através de toda a História da Filosofia, o pensamento de Platão, ainda que em diferentes figuras, permanece determinante.”

²⁴ Ver nota 14.

²⁵ Ver nota 16.

²⁶ NIETZSCHE. **Crepúsculo dos Ídolos**, sc. 2. In: **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000. “- Por último, minha desconfiança, com Platão, vai até o fundo: acho-o tão extraviado de todos os instintos fundamentais dos helenos, tão moralizado, tão preexistentemente cristão (...).”

²⁷ MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. Cap. 3. n. 19: “É preciso não esquecer que para Nietzsche a história da filosofia é a história do platonismo (...) e que o cristianismo é um platonismo para o povo”.

²⁸ HEIDEGGER. *Op. Cit.* I. In: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000. “Nietzsche caracterizou sua filosofia como platonismo invertido”.

6. Conclusão

Ora bem, de tudo isso, o que tiramos para a nossa discussão? Sem embargo, a relevância está no fato de que a modernidade e, de certa forma, a própria contemporaneidade, não conseguiram laicizar completamente a filosofia. De fato, enquanto houver algum ranço de platonismo na filosofia, nela permanecerá também a chama da verdade cristã. E, segundo Nietzsche, até os que se dizem “anti-metafísicos” e “sem-deus”, isto é, os positivistas, na verdade ainda se encontram “enclausurados” pelo platonismo cristão, na medida em que também ainda professam a “crença” na *verdade* como um valor absoluto:

(...) que também nós, conhecedores de hoje, nós os sem Deus e os antimetafísicos, também nosso fogo, nós o tiramos ainda da fogueira que uma crença milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também a crença de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina (...).²⁹

Destarte, para que se ponha fim à racionalidade “científico-filosófica” do Ocidente, terá que se destruir não só a metafísica platônica como também a religião cristã. Contudo, mudando a razão, mudam-se também a civilização e o homem. De fato, com o fim da filosofia, do platonismo, da metafísica e do próprio cristianismo, findarão também, concomitantemente, os alicerces que sustentam a história cultural do Ocidente e o próprio homem ocidental:

Talvez dando primazia a uma razão puramente experimental, razão do fazer técnico onde não importem sujeitos e predicados, mas apenas relações variáveis e manipuláveis entre termos que nelas esgotam o seu conteúdo então, quem sabe, a cultura ocidental terá eliminado o problema teológico. Neste dia, porém, a história do Ocidente terá tocado o seu fim. Uma nova história começará. Mas, os homens que a viverão não serão semelhantes a nós. (...).³⁰

²⁹ NIETZSCHE. *Gaia Ciência*, sc 344. In: **Obras incompletas**. Trad Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

³⁰ VAZ. *Op. Cit.* p.85 e 86.

BIBLIOGRAFIA

HEIDEGGER. **O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento**. In.: **Conferências e Escritos Filosóficos**. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

LAUAND, Luiz Jean. **Tomás de Aquino: Vida e Pensamento-Estudo Introdutório Geral**. In: **Verdade e Conhecimento**. Trad. Luiz Jean Lauand e Mario Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a Verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984..

NIETZSCHE. **Aurora**. Prefácio. **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos**. **Obras incompletas**. Trad Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

_____. **Gaia Ciência**. In: **Obras incompletas**. Trad, Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

PIEPPER, Joseph. **O caráter problemático de uma Filosofia "não-cristã"**. Trad: Gabriele Greggersen e Jean Lauand. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#2>>. Acesso em: 5/8/2006.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.

SELVAGGI, Filippo. **Filosofia do Mundo**. Trad. Alexander A. Macintyre. rev. Henrique C. de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1988.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Problemas de Fronteira**. 3º ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.